

**Luteranos no Brasil Holandês (1630-1654)  
Repensando a presença luterana  
em duas fases de migração**

**Lutherans in Dutch Brazil (1630-1654)  
Rethinking the Lutheran presence  
in two phases of migration**

*Wilhelm Wachholz<sup>1</sup>*

*Francisca Jaqueline de Souza Viração<sup>2</sup>*

**RESUMO**

O artigo tem por objetivo analisar a presença luterana no Brasil Holandês (1630-1654), a partir da migração de refugiados alemães nos Países Baixos, e de soldados alemães e escandinavos alistados na companhia neerlandesa das índias ocidentais. A presença luterana no Brasil Holandês implica uma releitura da história do luteranismo no Brasil, tratando-o a partir de duas imigrações, a saber, uma iniciada em 1632, no Brasil Holandês, e outra, com em 1824, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul e Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Este estudo apresenta as novas descobertas historiográficas, sob a perspectiva da nova história cultural em diálogo com a história da igreja e a teologia.

**PALAVRAS-CHAVE**

Luteranismo; Brasil Holandês; Imigração; Alemães; Escandinavos.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Faculdades EST, professor e reitor da Faculdades EST, Presidente da CEOL (Comissão Editorial Obras de Martinho Lutero) e líder do grupo de pesquisa História do Cristianismo na América Latina da Faculdades EST.

<sup>2</sup> Doutoranda em Teologia pela Faculdades EST e coordenadora do curso de ciências econômicas da Universidade Regional do Cariri (URCA) em Iguatu, CE e integrante do grupo de pesquisa História do Cristianismo na América Latina da Faculdades EST.

**ABSTRACT**

The article aims to describe the Lutheran presence in Dutch Brazil (1630 – 1654), from the migration of German refugees in the Netherlands, and of German and Scandinavian soldiers enlisted in the Dutch West Indian company. The Lutheran presence in Dutch Brazil implies a reinterpretation of the history of Lutheranism in Brazil, treating it from two immigrants, namely, one started in 1632, in Dutch Brazil, and the other, in 1824, in São Leopoldo, in Rio Grande do Sul and Nova Friburgo, in Rio de Janeiro. This study presents the new historiographical discoveries, from the perspective of the new cultural history in dialogue with the history of the church and theology.

**KEYWORDS**

Lutheranism; Dutch Brazil, Immigration; Germans; Scandinavians.

**Introdução**

O luteranismo no Brasil geralmente é classificado pela literatura clássica sobre o protestantismo na América Latina e no Brasil como o rosto étnico ou como protestantismo de imigração. O marco é a imigração alemã em 1824, primeiramente a São Leopoldo, Rio Grande do Sul e Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Os imigrantes fundaram suas comunidades que dariam origem tanto à atual Igreja Evangélica Luterana no Brasil – IECLB, quanto à Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB, entre outras igrejas menores.

No Brasil colonial, contudo, no contexto do projeto colonial holandês (1632-1654) existiu uma imigração de luteranos antes de 1824. A maioria dos historiadores defende que esta imigração não teria resultado em comunidades luteranas. A presença de luteranos no contexto do projeto colonial holandês, contudo, se relaciona com os 1.131 soldados dos estados alemães do Sacro Império Romano-Germânico, e os 154 escandinavos que aqui chegaram entre 1632 e 1654. Tratam-se de soldados contratados pela companhia neerlandesa das índias ocidentais, doravante designada de WIC. Além destes, podem ser incluídos outros imigrantes alemães, cujo número é desconhecido, de pessoas que não eram soldados

da WIC, vindos a pedido governador, almirante e capitão-general Maurício de Nassau (1604-1679), com propósito de colonizar e ocupar a terra.

Este artigo pretende resgatar a presença luterana no Brasil Holandês, considerando a invisibilização pela historiografia deste luteranismo, subsumido ao calvinismo holandês.

## 1. Religião no Brasil Holandês

O período do Brasil Holandês se caracterizou pela colonização por parte dos Países Baixos de vastos territórios que hoje constituem o Nordeste do Brasil entre o período de 1630 a 1654. Apesar da tentativa de colonização na Bahia, entre 1624 e 1625, foi na atual cidade de Recife onde os neerlandeses fundariam uma capital para sua colônia. O planejamento, a invasão e a governança da colônia ficou a cargo da WIC, uma empresa criada com o objetivo de manter monopólio no Atlântico e combater o domínio espanhol na região dominada por este oceano.<sup>3</sup>

O contexto da invasão é o da guerra de independência neerlandesa em relação à Espanha, conhecida como Guerra dos 80 anos. O Brasil entra em cena, graças à União Ibérica (1580 – 1640), quando do desaparecimento de Dom Sebastião, rei de Portugal, que fez de seu parente mais próximo, Felipe II de Espanha, o rei de Portugal, sob nome de Felipe I. A WIC era controlada por uma maioria de acionistas calvinistas nacionalistas, e o calvinismo, portanto, foi a religião oficial do Brasil Holandês.

Apesar do calvinismo ser a religião oficial da colônia, a administração necessitava tanto dos indígenas quanto dos luso-brasileiros e judeus. Os indígenas, por conhecerem a terra,<sup>4</sup> os luso-brasileiros, por conta da manutenção da governabilidade e os judeus, pelo dinheiro. Por isso, o Brasil Holandês é celebrado como um “oásis de tolerância religiosa” no século XVII, ressalvadas considerações do que significava ser tolerante

<sup>3</sup> ALBUQUERQUE, Roberto Chacon. *A Revolução Holandesa, origens e projeção oceânica*. São Paulo: Perspectiva. 2014. p. 127.

<sup>4</sup> Treze índios potiguaras foram para a Holanda em 1625, na frota de Hendrizson, e ajudaram aos pilotos holandeses na invasão em seu conhecimento da geografia do local.

no século XVII. Van der Grjp afirma o seguinte sobre a tolerância religiosa dos holandeses:

Esta, de um lado, se impunha ao governo como sendo a única maneira para ganhar a benevolência da população portuguesa; de outro lado, porém, os holandeses já estavam se conscientizando, tanto no Brasil como nos Países Baixos, de que a tolerância merece ser promovida como um bem em si. Os católicos gozavam de liberdade para exercerem seu culto e manterem relações oficiais com a sede episcopal da Bahia. As sinagogas e escolas talmúdicas do Recife foram as primeiras que apareceram no Novo Mundo, e João Maurício fazia questão de proteger judeus mesmo contra as reclamações da Igreja Reformada.<sup>5</sup>

A identidade protestante neerlandesa é bastante plural, ou, conforme definição de Kaufmann, um “fenômeno poligenético”. Segundo Kaufmann, este protestantismo havia recebido influências humanistas, da *devotio moderna*, luteranas, buceristas e zwinglianas e, desta forma, possuía uma forma “clandestina” bem como de comunidades exiladas de alemães e ingleses. Especialmente no sul, a influência mais importante foi de Calvino, já desde 1540. A calvinização dos Países Baixos, contudo, ocorreu de forma determinante a partir do Sínodo de Dordrecht (1618/1619).<sup>6</sup> O calvinismo dos Países Baixos, contudo, se caracterizou pela pluralidade religiosa e cultural. Destaque merece, por exemplo, o refúgio que as assim denominadas comunidades anabatistas encontram em solo neerlandês. Diferentemente de territórios católicos e protestantes (por exemplo, Alemanha e Suíça), nos Países Baixos (também na Morávia), os anabatistas encontraram liberdade religiosa.<sup>7</sup> Esta tolerância é perceptível no projeto de colonização do Nordeste brasileiro.

<sup>5</sup> VAN DER GRIJP, Klaus. As Missões Protestantes. In: HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil*; ensaio de interpretação a partir do povo – primeira época. 4. ed. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992. p. 139.

<sup>6</sup> KAUFMANN, Thomas. O desenvolvimento dos protestantismos europeus. In: KAUFMANN, Thomas et al. (org.). *História Ecumênica da Igreja*. São Paulo: Loyola; Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 399-400.

<sup>7</sup> KAUFMANN, Thomas. Formação das confissões protestantes. In: KAUFMANN, Thomas et al. (org.). *História Ecumênica da Igreja*. São Paulo: Loyola; Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 371.

No Nordeste brasileiro, os holandeses aproveitaram a estrutura administrativa da colonização portuguesa de munícipes e escabinos, mas introduziram suas próprias estruturas, como o conselho político, órgão máximo da colônia. Porém, do governador aos soldados, passando pelos pastores, todos eram funcionários da WIC, portanto, deveriam responder aos anseios da empresa colonizadora, isto é, ao lucro máximo.

Durante os 24 anos em que os holandeses permaneceram no Nordeste brasileiro, só oito anos foram de paz, a saber, os anos sob o governo de Maurício de Nassau (1637-1643). O estado de beligerância era tão grande, que muitos historiadores chamam o período de Nassau como “interregno nassoviano”. A estratégia primordial incluía um exército forte para a governabilidade da colônia.

Desta feita, ser um mercenário<sup>8</sup> da WIC se deslumbrava como uma boa oportunidade para centenas de refugiados protestantes, assolados pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) na Europa. Assim, protestantes de todas as partes da Europa se alistavam como soldados da WIC, muitos deles, pela possibilidade de viver em paz no Novo Mundo, outros pelas aventuras e pelos lucros que a nova vida poderia lhes dar, e muitos outros, pelos dois motivos. Muitos destes soldados eram provenientes dos principados alemães e da Escandinávia, em outras palavras, certamente em grande número, luteranos. O próprio Nassau pedira a vinda de imigrantes para colonizar a terra, em especial, neerlandeses e alemães. A escolha deste último grupo, muito provavelmente, se deu pelo fato de ser o próprio Nassau alemão.

Escrevi ao Conselho dos Dezenove, pedindo-lhe mandasse para aqui os refugiados alemães, que, desterrados e com os bens confiscados, se acolheram na Holanda, a fim de virem para uma terra fértil e um país venturoso. Mereça isto mesmo a zelo e o coração de V. A., porquanto, sem colonos nem podem as terras ser úteis à Companhia, nem aptas para impedir as irrupções dos inimigos.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Neste tempo, este termo não tinha o conceito pejorativo que tem hoje. Mercenário era meramente um soldado que lutava por outra nação de forma profissional.

<sup>9</sup> BARLEUS, Gaspar. *O Brasil Holandês*. DF, Senado Federal, 2004. p. 63.

## 2. A presença luterana

A historiografia sobre o Brasil Holandês concorda, no geral, que esta colônia se caracterizava pela multiplicidade de etnias, línguas e credos. Também é de vasto conhecimento a existência de uma igreja huguenote e uma igreja de língua inglesa, muito provavelmente de puritanos. Porém, a ideia de uma igreja luterana nunca foi clara, apesar de que a existência de luteranos no Brasil Holandês ser indiscutível.

No famoso documento *Relação da Missão da Serra da Ibiapaba*, o padre Antônio Vieira confirma a presença de luteranos da Alemanha e Suécia: “No Recife de Pernambuco que era a corte e emporio de toda aquella nova Hollanda, havia Judêos de Amsterdan, Protestantes de Inglaterra, Calvinistas de França, Lutheranos de Allemanha e Suecia, e todas as outras seitas do Norte.”<sup>10</sup>

Vieira também deixa margem para a tese da presença de pastores luteranos no Brasil Holandês. Em sua carta ao padre provincial da ordem jesuíta, datada de 1654, último ano da presença holandesa no Brasil, ele reclama da ausência de sacerdotes em uma missão de colonização na Amazônia. Reclama que, mesmo depois de três anos, passadas quaresmas e páscoas, os homens não se confessaram ou não receberam a comunhão, pois não havia quem administrasse os sacramentos.

O padre Vieira compara o projeto holandês com outros projetos coloniais e afirma: “Nenhuma comunidade de calvinistas, nem luteranos, nem ainda de turcos, partiram a outra muito menor viagem, por mar ou por terra, que não levassem consigo os ministros de sua seita.”<sup>11</sup> Considerando que esta carta foi escrita no último ano do domínio holandês, e que Vieira confirma a existência de luteranos no Brasil, estaria ele expressando um descontentamento duplo? Ao mesmo tempo estaria ele constatando um descuido português por não enviar padres o suficiente e, por outro lado, uma inconformidade pela existência de pastores calvinistas e luteranos em nossas terras? Ou era mera força de expressão?

<sup>10</sup> VIEIRA, Antônio. *Relação da Missão da Ibiapaba*, Fortaleza, *Revista do Instituto do Ceará*, 1903. p. 93.

<sup>11</sup> VIEIRA, Antônio. *Cartas de Vieira*, volume I. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1925. p. 412.

A polêmica sobre a existência de uma igreja luterana no Brasil Holandês é grande. Frans Leonard Schalkwijk em seu clássico *Igreja e Estado no Brasil Holandês*, é categórico em afirmar que não existia uma igreja luterana. Segundo ele,

Com a vinda de muitos soldados alemães e suecos, devem ter chegado ainda vários luteranos. Na Europa, usa-se o nome “luterana” especialmente com relação às igrejas da Alemanha, Escandinávia, etc.; o nome “reformada”, para as igrejas da ordem reformada em países como Holanda, França, Hungria etc. Sempre onde se usou “luteranos” em livros que versam sobre o Brasil Holandês, essa palavra tinha o sentido amplo de “protestantes”, “cristãos não romanos”, e não no sentido restrito, porque na realidade nunca houve uma igreja “luterana” no Brasil Holandês, propriamente, mas sim “reformada”. Havia alguns luteranos na Paraíba, mas foi somente no Recife que se pensou em organizar uma congregação deste tipo. Entretanto, a Igreja Reformada opinou que isso deveria ser evitado, porque, sem dúvida, uma divisão em duas denominações prejudicaria a Igreja Evangélica em Geral. Membros piedosos dessa igreja-irmã sempre foram admitidos à Santa Ceia na Igreja Cristã Reformada, como acontecia em outros países.<sup>12</sup>

Já Leonardo Dantas, outro historiador com profícua produção sobre o Brasil Holandês, discorda da opinião de Schalkwijk. Em trabalho publicado no Seminário Internacional Presença Holandesa no Brasil, de 2004, Dantas defende que a igreja do Corpo Santo, construída no século XVI, foi transformada em templo luterano durante o governo de Nassau.

Com tamanha diversidade de nacionalidades, eram praticados na Nova Holanda os mais diferentes credos: judeus, luteranos, calvinistas, conviviam com católicos romanos, franceses, portugueses e naturais da terra. No governo do Conde de Nassau (1637 – 1644), quando a conquista viveu um certo clima de paz, praticou-se uma espécie de tolerância religiosa no Recife, a fim de atender tamanha diferença de denominações religiosas que aqui conviviam. Os tradicionais

---

<sup>12</sup> SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil Holandês*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 323.

santuários católicos da época, como as igrejas do Corpo Santo (séc. XVI) e o convento de Santo Antônio (1606), foram transformados em templos luteranos e calvinistas ingleses.<sup>13</sup>

Jonathan Israel, considerado um dos maiores historiadores da Holanda da Era de Ouro, em *A expansão da tolerância: religião no Brasil Holandês*, parece não resolver a questão. Israel confirma a presença de luteranos no período da ocupação holandesa, especialmente durante o governo de Nassau, mas afirma que nunca houve uma lei que regulamentasse que tipo de liberdade religiosa luteranos poderiam gozar, como havia para os católicos. Israel questiona se o mesmo tipo de postura tomada na colônia da África do Sul, de não haver lei específica para a tolerância a cultos públicos de luteranos, menonitas, anabatistas e remonstrantes<sup>14</sup> até o fim do século XVIII, também caberia para a colônia brasileira.<sup>15</sup>

Mas por que o texto de Israel não resolve a questão? Porque se não há uma lei que regulamente a tolerância, não há como afirmar se cultos

<sup>13</sup> SILVA, Leonardo Dantas. Sociedade e vida privada no Brasil holandês. In: TOSTES, Vera; BENCHIETRIT, Sarah Fassa (org.). *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. p. 242.

<sup>14</sup> Cristãos reformados que questionavam a Soteriologia ortodoxa calvinista, hoje são conhecidos como arminianos, por terem aderido a remonstrância de Armínio, quanto a este assunto.

<sup>15</sup> “Toleration of the Catholic faith, then, was only partial, especially with regard to denying access to the Catholic hierarchy outside Dutch Brazil. Then, in addition, one must bear in mind that there was no provision under the rules of 1629, and no formal toleration was ever instituted for the practice of the Lutheran faith, despite the large number of Lutheran soldiers and sailors in the Company’s service in Brazil as in its other conquests. Nor was there any provision for tolerating Dutch Protestants who were neither Reformed nor Lutheran, whether Mennonites, other kinds of Anabaptists, Remonstrants or Socinians. Indeed, as in the strongholds of the Dutch East India Company in Asia, and in Dutch South Africa, until the late eighteenth century there continued to be no toleration of Lutheran, Mennonite or Remonstrant worship. Hence, if it is true that royal policy in New France had the consequence of restricting emigration from the metropolis to the colony, ultimately to its disadvantage, it is legitimate to ask whether, even if to a lesser extent, something of the sort was not true also of Dutch Brazil. Meanwhile, the Dutch Reformed Church, with the support of the States General in The Hague, and the Heren XIX, endeavoured to organize itself in an effective manner as the public church in ‘New Holland’ as Dutch Brazil was officially designated.” ISRAEL, Jonathan. *Expansion of tolerance: religion in Dutch Brazil (1630 – 1654)*, Amsterdan, Holanda, Amsterdan University Press, 2007. p. 21-22.

públicos seriam proibidos ou permitidos. Assim, deixa margem para supor que a postura perante os luteranos era mais política do que religiosa, pois o período em que imigraram para o Brasil, coincide com o dito período francês da Guerra dos Trinta Anos. Suecos, holandeses e alemães se aliaram aos franceses para derrotar a hegemonia da casa de Habsburgo (Espanha e Áustria). Ou seja, se alemães e suecos sofressem oficialmente qualquer constrangimento em uma colônia holandesa, poderia acarretar um problema diplomático com os aliados.

Talvez o silêncio quanto ao tema, tenha sido a forma que o governo do Brasil Holandês encontrou para não desagradar ninguém. Ao mesmo tempo que não criava problemas com os aliados de guerra, também não criava tensões com os acionistas da WIC e o clero reformado, resolutos em manter o calvinismo como única expressão protestante tolerada e dominante.

Mas então, quem está certo, Schalkwijk ou Dantas? Dantas não apresenta nenhum argumento para comprovar sua afirmação de existência de uma igreja luterana no Brasil Holandês. Ele simplesmente afirma que existiu tal igreja, sugerindo que tenha sido a antiga Igreja do Corpo Santo, demolida no início do século XX, durante as reformas urbanísticas do Recife. A afirmação de Dantas tem certo sentido, pois o irmão de Nassau, João Ernesto, foi enterrado lá em 1639<sup>16</sup>; a escolha da igreja parece confirmar a afirmação de Dantas, pois poderia ser a igreja dos alemães e, portanto, luterana, ou até mesmo unida.

A família Nassau não era holandesa, mas sim alemã, da região de Hesse, uma das primeiras a adotar a Reforma na Alemanha. Isto não quer dizer que a família Nassau era luterana, ou cripto-luterana, já que, paga pela WIC para exercer função de liderança no Brasil, deveria não apenas adotar o calvinismo, mas promovê-lo. Talvez, simplesmente Nassau optou por enterrar seu irmão em uma igreja, que, se realmente foi luterana ou não, era, pelo menos, frequentada por seus patrícios.

O professor Bruno Romeno Ferreira Miranda, em sua tese *Gente de Guerra, origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da Companhia das Índias Ocidentais no Brasil (1630 – 1654)*, confeccionou

---

<sup>16</sup> O Frei Manuel Calado afirma isso em obra já citada. Para mais detalhes, veja a dissertação de Joulde Matos Duarte, intitulada *Práticas mortuárias do cemitério do polo pilar, bairro do Recife – PE, UFPE, 2016, p. 212.*

uma tabela, onde fica nítida a alta percentagem de soldados alemães no Brasil, chegando a mais de  $\frac{1}{4}$  do total. No seu entendimento, no que concerne à existência de uma igreja luterana, ele segue a linha de Schalkwijk, inclusive o cita em sua tese, ao defender a não existência de uma igreja luterana no Brasil Holandês.<sup>17</sup>

Tabela 3 – Origem geográfica de 4.303 militares da WIC que serviram no Brasil entre 1632 e 1654.<sup>116</sup>

Origem	Número	Percentual
República das Províncias Unidas/Províncias do Norte	1.550	36%
Sacro Império Romano (principalmente os Estados Alemães)	1.131	26,3%
Países Baixos Espanhóis/Províncias do Sul	518	12%
Inglaterra	420	9,8%
França	286	6,7%
Escandinávia	154	3,6%
Escócia	143	3,3%
Irlanda	45	1%
Polônia	33	0,8%
Outros	23	0,5%
<b>Total</b>	<b>4.303</b>	<b>100%</b>

Fonte: MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. Gente de guerra, origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da companhia das índias ocidentais. Tese de Doutorado, Universidade de Leiden, Holanda, 2011. p. 43

Em 1642 é construída a Igreja dos Franceses, ou *Templum Gallicum*. Nela o frei Manuel Calado, em sua famosa obra *O Valeroso Lucidemo*, a identifica como a igreja dos “franceses calvinistas e luteranos”<sup>18</sup>. A afirmação de Calado gera uma nova complicação: o termo luterano se refere a franceses luteranos ou a luteranos no geral, e, neste caso, muito provavelmente alemães e escandinavos?

Sem mais informações é difícil precisar a existência de luteranos nesta igreja francesa, mas a pesquisa de Bruno Romero Ferreira Miranda pode nos dar uma pista. Miranda também apresenta a origem dos soldados, não apenas das nacionalidades. Dos 282 franceses listados em sua tese, doze eram de Rouen, onze, de Boulogne e 25, de Paris.<sup>19</sup> Rouen e

<sup>17</sup> Página 66 da tese.

<sup>18</sup> CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucidemo*. Lisboa: Oficina Domingos Carneiro, 1668. p. 62.

<sup>19</sup> Ver nota 120 da página 44 da tese.

Boulogne estão localizadas no nordeste da França, mais próximas dos territórios alemães do Sacro Império, cidades que eram centros comerciais, propícias, portanto, para abrigar todo tipo de imigrante; Paris, por ser a capital, da mesma forma.

Além disto, a temporalidade desta migração é o século XVII, quando várias guerras de religião foram travadas na França, e havia se passado a publicação do Édito de Nantes (1598) e, segundo Thomas Kaufmann, o cardinal Richelieu, conseguira praticamente renová-lo, a partir de 1629, encurralando os huguenotes praticamente ao sul da França.<sup>20</sup> Na tabela feita por Miranda, a imigração destes soldados se inicia em 1632, com pelo menos 33 vindos de fora do sul da França. Portanto, há probabilidade de não serem exclusivamente calvinistas. Mas sem mais informações, afirmar que, entre eles, havia luteranos, fica apenas no campo da especulação, apesar de haver possibilidade real disto.

O campo da especulação ganha força sem haver provas reais. Esta igreja seria meramente étnica? Uma igreja calvinista que admitia luteranos por serem seus patrícios? Ou seria algo mais? Uma improvável igreja unida? Uma proto-igreja unida, como uma espécie de experiência forçada pelas condições únicas da colonização? Sem mais documentos, estas perguntas ficarão sem respostas, mas é salutar, para uma pesquisa inicial, fazê-las.

#### **4. Pensando a migração de luteranos no Brasil**

Neste ponto cabe discutir os argumentos de Schalkwijk. Para o autor, o termo luterano era usado no Brasil Holandês simplesmente como sinônimo de protestante, e não para especificar pessoa que pertencesse à igreja luterana. Este artigo questiona se este argumento é válido para todas as fontes. No caso de Calado, se luterano significar apenas protestante no geral, qual o sentido de especificar que a igreja era dos “franceses calvinistas e luteranos”? Assim como o caso de Vieira, qual a razão de especificar com precisão as tradições protestantes ao escrever “protestantes da Inglaterra, calvinistas da França e luteranos da Alemanha e Suécia?”

---

<sup>20</sup> KAUFMANN, 2014, p. 398.

Schalkwijk também argumenta que, apesar das divergências em relação à Santa Ceia, luteranos “piedosos” sempre foram aceitos na igreja reformada. Mas na perspectiva luterana, a compreensão distinta que tinham da Santa Ceia, em relação aos reformados, poderiam os deixar desconfortáveis na participação da comunhão.

Entretanto o argumento de que duas tradições protestantes poderiam ser nocivas à causa evangélica é completamente compreensivo vindo de calvinistas holandeses, pois o calvinismo jamais conseguiu ser maioria entre o povo holandês, apesar de controlar o Estado.<sup>21</sup> Permitir que uma igreja luterana fosse aberta com cerca de 30% dos soldados luteranos, a qual, que na perspectiva reformada, a piedade é mais próxima do catolicismo e com uma visão moral mais branda, seria, sem dúvida nenhuma, uma adversária de peso na luta pelas almas.

Sobre a composição social destes luteranos e sua função na colônia cabe destacar que é bastante heterogênea. A carta enviada por Nassau, solicitando a imigração dos refugiados alemães, que se encontravam nos Países Baixos, sugere que se tratavam de camponeses, ou que, no Brasil Holandês, viveriam como camponeses. Observe-se que o objetivo desta imigração era a ocupação do interior do Nordeste, que Nassau chama de “deserto”. Nisso fica caracterizada a tipologia de convidados do Estado, semelhante à imigração no Brasil Império, inclusive com o mesmo objetivo de ocupação territorial.

O segundo grupo era de soldados, portanto, funcionários do Estado. Deste grupo ficou preservado uma fonte preciosa, a saber, o diário de um soldado dinamarquês, Peter Hansen Hajstrup. O diário foi descoberto recentemente, assim como sua tradução em língua portuguesa. Hajstrup viveu no Brasil, justamente durante todo o período da Insurreição Pernambucana (1645 – 1654). Ele narra acontecimentos importantes, como o massacre de Cunhaú, além de citar nomes de oficiais, soldados e a descrever a geografia dos locais por onde passou. Apesar de Hajstrup não indicar sua religião no diário, é pouco provável que, nascido na Dinamarca, não tenha sido luterano. Seu precioso e inédito diário se constitui, hoje, um importante legado de um soldado luterano para a história do Brasil.

---

<sup>21</sup> SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza, a cultura holandesa na época de ouro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 68.

Em sua tese<sup>22</sup>, Miranda identifica as cidades das quais a maioria dos soldados alemães eram procedentes, a saber: Aachen, Braunschweig, Bremen, Emmerich, Erfurt, Frankfurt, Goch, Hamburgo, Jülich, Kassel, Colônia, Lübeck, Magdeburgo, Minden, Moers, Münster, Oldenburg, Osnabrück, Rees, Rheinberg, Estrasburgo e Wesel. Das 22 cidades, nove pertencem ao atual Estado da Renânia do Norte-Westfália, região que faz fronteira com os Países Baixos. Münster e Osnabrück, por exemplo, foram palco dos eventos políticos que marcaram a assinatura da Paz da Westfália (1648). As outras cidades ou estão localizadas em áreas centrais da Alemanha, ou próximas da Escandinávia.

Houve também luteranos que se destacaram no Brasil Holandês, inclusive que são relativamente bem conhecidos na historiografia, como Caspar Schmalkalden, Zacharias Wagner e George Marcgraf.<sup>23</sup> O primeiro era natural da Turíngia e chegou no Brasil em 1642, como soldado da WIC, mas ficou mais conhecido como “naturalista”, por suas belas ilustrações da fauna e da flora brasileiras. Schmalkalden, escreveu um diário que narra sua viagem de Amsterdã ao Brasil, que foi publicada em 1998 pela editora Index, em dois volumes, contendo um rico acervo de suas ilustrações.

Já Wagner e Marcgraf eram naturais de Dresden, cidade famosa por sua produção artística. Ambos desenvolveram mapas e ilustrações. Marcgraf ilustrou a famosa obra do médico holandês William Piso, *Historia naturalis brasiliae*, considerada por muitos a maior obra de história natural do Brasil até o século XIX. Soldados e artistas tinham uma vida mais urbana e expedicionária do que os camponeses. Portanto, percebe-se a presença de luteranos nas mais diversas categorias sociais e funções no Brasil Holandês. Todos tinham algo em comum, do camponês ao artista, todos eram “apadrinhados” pelo conde Nassau, seu conterrâneo.

---

<sup>22</sup> Nota 118.

<sup>23</sup> A tese supracitada de Miranda apresenta, em seu anexo, uma pequena biografia de alguns soldados da WIC.

## 5. Debate com a historiografia

A percepção dos sujeitos históricos do projeto holandês merece atenção. A historiografia brasileira que nasce no século XIX é fortemente positivista e, na linguagem de José Carlos Reis,<sup>24</sup> se caracteriza como “elogio” à colonização portuguesa. O positivismo também era uma filosofia da História e, portanto, tinha uma teleologia própria: a religião era considerada o estágio mais primitivo da humanidade e deveria ser superada.

Perceber a influência religiosa ou a sua importância na vida de um sujeito era quase que completamente descartado, pois a religião fora colocada na esfera privada, na perspectiva de que nada tinha de conexão com a atuação na esfera pública. Destacar a influência da religião em algum sujeito histórico só era possível se fosse o catolicismo, e isto tinha mais a ver com o projeto político do Império de construir uma história do Brasil, como herdeiro de Portugal.

Nomes de luteranos como Zacharias Wagner e Georg Marcgraf ficaram, numa historiografia “elogiosa” portuguesa, invisibilizados sob o genérico de “alemães”. Ainda hoje, em plena segunda década do século 21, a historiografia brasileira tem dificuldade de perceber a influência da religião na formação da visão de mundo dos sujeitos históricos. No caso específico dos três alemães luteranos acima destacados, cabe ressaltar que vieram de cidades, cujas regiões eram fortemente luteranas. Schmalkalden nasceu em Friedrichroda, na Turíngia, apenas 30 km de Eisenach, onde fica localizado o castelo de Wartburg, onde Lutero ficou escondido (início de maio de 1521 a início de março de 1522), por ordem de João Frederico, da Saxônia, cuja capital era Dresden, cidade onde Wagner e Marcgraf nasceram no século XVII.

Resgatar a presença luterana no Brasil Holandês passa também por questões teóricas e metodológicas do fazer historiográfico no Brasil. E, neste caso em específico, cabe a pergunta pelo papel da religião na formação cultural de um sujeito. Ainda é possível escrever biografias omitindo a vida religiosa, por entender que esta pertence apenas à esfera privada e que pouco tem a ver com sua vida pública? Apesar

---

<sup>24</sup> Na obra *As identidades do Brasil*, v. 1.

de a tentativa de superar esse paradigma não ser novo no Brasil, ele ainda persiste.

No contexto de superação do paradigma positivista, chegaram no Brasil, na década de 1930, propostas historiográficas como as de Fernand Braudel e Émile G. Léonard, da Escola dos *Annales*. Este tipo de produção só foi difundido no Brasil na década de 1980, com a publicação de *O Diabo na Terra de Santa Cruz*, de Laura de Mello e Sousa. O materialismo histórico ainda era a corrente preferida e sua perspectiva sobre religião era restrita a uma visão de religião do povo *versus* a institucional elitista.

A produção historiográfica que identifica a vivência da crença na história do sujeito, dialogando com a teologia protestante para compreender os múltiplos significados que uma doutrina pode exercer na vida de um sujeito histórico é extremamente recente na historiografia brasileira, e ainda vanguardista, até mesmo periférica, praticados por poucos.

Este artigo entende que não é possível construir uma narrativa de sujeitos históricos religiosos, separando sua fé apenas ao espaço privado, como se suas crenças em nada influenciassem sua vida e atuação no espaço público. Também é preciso historicizar a crença, para compreender como os sujeitos vivem sua fé no processo histórico.

Neste ponto cabe questionar o que significava a filiação religiosa na Europa do século XVII. A temporalidade de imigração destes luteranos é a das guerras de religião na Europa, ainda sob a perspectiva da Paz de Augsburg (1555), e seu princípio de *cuius regio, eius religio*. Aquele que não pertencia à religião oficial do Estado teria a liberdade de migrar, porém, no caso dos protestantes, este direito só era garantido a luteranos. Anabatistas e calvinistas não gozavam dos mesmos direitos, e, também, por isto, muitos foram mortos.

A partir de 1568, quando inicia a Revolta Holandesa, que declara sua independência da Espanha, os Países Baixos se tornaram refúgio para calvinistas e anabatistas de várias regiões da Europa, como também oportunidade de negócios para luteranos devido ao crescimento gerado tanto pela WIC quanto pela sua “irmã” companhia neerlandesa das índias orientais. A filiação religiosa, portanto, pode ser determinada pelo simples local do nascimento. Mesmo Hajstrup não afirmando em seu diário que era um luterano, sendo dinamarquês, nestas

condições históricas, não há por que questionar se era luterano ou não, por exemplo.

O século XVII é conhecido como o século do confessionalismo ou a era da ortodoxia no protestantismo. Ser cristão, na perspectiva protestante desta época, era entendido como aquele que compreendia e praticava a “reta doutrina”. Não existia ainda a concepção de um “encontro pessoal com Cristo”, desenvolvido posteriormente por influência principalmente do Pietismo. Na vida diária, os efeitos da interpretação da “reta doutrina” eram mais latentes e conflituosos entre calvinistas do que entre luteranos, já que para os primeiros era exigido um rigor moral muito maior do que entre luteranos.

O contexto do Brasil Holandês, que era um projeto colonial, fora concebido e controlado por uma empresa “nacionalista e calvinista”, como fora dito anteriormente. O clero, já fortemente influenciado pelo puritanismo holandês, era bastante rigoroso em questões morais. Como era a convivência com os luteranos? É certo, que era frequente a reclamação do clero como as “imoralidades e bebedeiras”, constantes nas atas da Igreja Reformada Holandesa no Brasil, mas apresentada de forma generalista, não se restringindo, por exemplo, aos luteranos.

Também há que se questionar o que um clero puritano entende por “imoralidades e bebedeiras”, principalmente vindo de um clero que se mostrou bastante intolerante com judeus e católicos. Eram frequentes as reclamações do clero reformado com o que julgavam ser “excesso de liberdade” de judeus e católicos na colônia, principalmente no período de Nassau.<sup>25</sup> Habilidade político, o conde soube contornar a situação.

## **6. Estado e religião no Brasil Holandês**

Outras duas questões que precisamos considerar sobre a presença luterana no Brasil Holandês dizem respeito à espacialidade e às condições políticas da própria colônia. Uma colônia que fora portuguesa, e que nos anos anteriores à ocupação holandesa, fora espanhola, agora é uma colônia holandesa. Soldados e camponeses luteranos estavam em

---

<sup>25</sup> Ver a obra de Schalkwijk, já citada.

uma condição político-social de ocupação, manutenção e conquista, ao estabelecer suas fazendas e marchar pelo exército da WIC.

Que tipo de relações sociais os luteranos estabeleceram no Brasil, considerando que não eram nem luso-brasileiros, nem holandeses, nem católicos, judeus ou reformados, apesar de gozarem da proteção de Nassau? Como era seu cotidiano? Como conviviam com as nações indígenas? São muitos questionamentos e a pesquisa ainda é muito incipiente a este respeito.

No que concerne ao aspecto da religião e do Estado no Brasil, é perceptível que, em relação aos luteranos, o Estado holandês no Brasil era tolerante, embora, com limites. Assim como judeus e católicos, os luteranos também foram vítimas da vigilância do clero reformado holandês. No caso específico dos luteranos, havia certa preocupação do clero reformado, pois poderiam se constituir em possível concorrência protestante na colônia. Talvez, o clero reformado não queria que, na colônia, se reproduzisse os mesmos problemas da metrópole.

Tanto os Países Baixos, como suas colônias, eram o centro do que se convencionou denominar na historiografia de economia mundo, um conceito muito usado por Fernand Braudel em sua famosa trilogia *Civilização Material e Capitalismo*. O sistema de trocas deixa de ser local e passa a ser global. Um vaso chinês poderia ser comercializado em uma feira na Holanda, e chegar ao Brasil por um colono abastado. País pequeno e em estado de frequente beligerância, os Países Baixos dependiam do comércio marítimo, tanto para a circulação de bens como de pessoas. Esta é a razão pelo qual o conselho político do Recife considerou a opinião do clero reformado.

Olhar para o Brasil Holandês como um “paraíso de tolerância” é tão equivocado quanto vê-lo como exclusivamente reformado, quando se trata de protestantismo. Não há dúvidas de que os calvinistas eram maioria, pois a vigilância era forte para evitar a vinda de remonstrantes, mas este calvinismo não era uniforme. Havia huguenotes franceses, puritanos ingleses, e pelas constantes reclamações do clero com o comportamento do povo, nem todos os reformados holandeses, nos parecem ser tão puritanos assim. Além disso, havia luteranos alemães e escandinavos entre eles, apesar de não ser possível provar a existência de um luteranismo, as fontes aqui usadas, também não negam a possibilidade.

### Considerações finais

A existência ou não de uma igreja luterana não significa a inexistência de luteranismo. O próprio Schalkwijk admite que houve intento de construir uma igreja luterana no Recife. Este intento indica que houve luteranos que viviam seu luteranismo no Brasil Holandês. A piedade luterana é muito distinta da calvinista, e nesta época muito mais. Não apenas a concepção de Santa Ceia é distinta, também a liturgia, a estética do templo e a vida cotidiana eram radicalmente diferentes. A possibilidade de participação da Santa Ceia em uma igreja calvinista, certamente não supriria as necessidades espirituais dos luteranos, cuja piedade exigia símbolos nos templos, como a cruz, imagens de Jesus e de festas religiosas, como o São João, muito forte nos países escandinavos, ou as tradicionais festas de advento na Alemanha. Nada disso era vivido pelos calvinistas.

É possível que luteranos tivessem oratórios em suas casas, guardassem os dias santos e as festas do calendário litúrgico e ao mesmo tempo participassem dos cultos nas igrejas calvinistas para receberem a Santa Ceia? Sim, é bem possível. Pois a restrição, segundo Schalkwijk e Israel, se dava a cultos públicos e construção de templos, não de devoção privada. Reiterando, a existência ou não de uma igreja luterana, não anula a vivência da piedade luterana. Portanto, é perfeitamente possível conjecturar a possibilidade de existência de um luteranismo no Brasil antes de 1824, já que luteranismo não se resume apenas à liturgia e administração de sacramentos.

E se há luteranismo no Brasil antes de 1824, é preciso repensar a imigração do século XIX, como a segunda onda de imigração alemã ao Brasil, e que não funda, mas refunda o luteranismo em nossas terras. O mais interessante é que esta tradição continua sendo classificada como protestantismo de imigração, na linguagem de Mendonça, ou étnico, na de Bonino. Há que se considerar que os luteranos que vieram ao Brasil Holandês também eram imigrantes, ou convidados do Estado para colonizar a terra, ou funcionários do Estado, como soldados, para contribuir na consolidação da colonização. Contudo, há uma diferença: esta imigração não foi exclusivamente alemã. Apesar de majoritária, há que se acrescentar a presença escandinava, principalmente de suecos.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Roberto Chacon. *A Revolução Holandesa, origens e projeção oceânica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARLEUS, Gaspar. *O Brasil Holandês*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2004.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material e Capitalismo. Séculos XV -XVIII, os jogos das trocas*. São Paulo: Martins Fontes. 2009. v. 2.
- CALADO, Manuel. *O Valeroso Lucideno*, Lisboa: Oficina Domingos Carneiro. 1668.
- HAJSTUP, Peter Hansen. *Viagem ao Brasil (1644 – 1654)*. Recife: Editora CEPE, 2016
- ISRAEL, Jonathan. *Expantion of tolerance: religion in Dutch Brazil (1630 – 1654)*, Amesterdan, Holanda, Amsterdam University Press, 2007.
- KAUFMANN, Thomas. Formação das confissões protestantes. In: KAUFMANN, Thomas et al. (org.). *História Ecumênica da Igreja*. São Paulo: Loyola; Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014. v. 2. p. 358-374.
- KAUFMANN, Thomas. O desenvolvimento dos protestantismos europeus. In: KAUFMANN, Thomas et al. (org.). *História Ecumênica da Igreja*. São Paulo: Loyola; Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 2014. v. 2. p. 394-404.
- MIRANDA, Bruno Romero Ferreira. *Gente de guerra, origem, cotidiano e resistência dos soldados do exército da companhia das índias ocidentais*. Tese de Doutorado, Universidade de Leiden. Holanda, 2011.
- REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil; de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. v. 1.
- SCHAMA, Simon. *O desconforto da riqueza, a cultura holandesa na época de ouro*. São Paulo: Companhia das letras. 2009.
- SCHALKWIJK, Frans Leonard. *Igreja e Estado no Brasil Holandês*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- SILVA, Leonardo Dantas. Sociedade e vida privada no Brasil holandês. In: TOSTES, Vera; BENCHIETRIT, Sarah Fassa (org.). *A presença holandesa no Brasil: memória e imaginário*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. 225-250.

VAN DER GRIJP, Klaus. As Missões Protestantes. In: HOORNAERT, Eduardo et al. *História da Igreja no Brasil*; ensaio de interpretação a partir do povo – primeira época. 4. ed. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992. p. 137-141.

VIEIRA, Antônio. *Relação da Missão da Ibiapaba*. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará. 1903.

\_\_\_\_\_. *Cartas de Vieira, volume I*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1925.

Submetido em: 23/07/2020

Aceito em: 17/11/2020